

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**REFLEXÕES SOCIOAMBIENTAIS SOBRE AGROVILA SÃO SEBASTIÃO DO
CABURI-PARINTINS/AM NO CONTEXTO TURÍSTICO.**

JULLY MARIA DA COSTA PONTES

PARINTINS - AM

2019

JULLY MARIA DA COSTA PONTES

**REFLEXÕES SOCIOAMBIENTAIS SOBRE AGROVILA SÃO SEBASTIÃO DO
CABURI-PARINTINS/AM NO CONTEXTO TURÍSTICO.**

Monografia apresentada na Universidade do Estado do Amazonas Centro de Estudos Superiores de Parintins, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Dra.Charlene Maria Muniz da Silva

PARINTINS - AM

2019

DEDICATÓRIA

À minha avó Maria Lindalva da Costa Pontes
(*in memoriam*)

Por tudo que me ensinou, pelo amor e cuidado dedicado aos seus familiares. Trago comigo fragmentos seus e uma bela frase da Saga Harry Potter “Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade”.

AGRADECIMENTOS

Reconhecer a contribuição de todos que me ajudaram a realizar este trabalho e concluir a graduação é o mínimo que poderia fazer. Todas as conquistas que alguém realiza se dão pelo auxílio de outros envolvidos, seja de forma direta ou indireta. Agradeço:

À minha mãe, Martinha Belém, mulher admirável e quem em todos os momentos de minha vida nunca mediu esforços para me oferecer o que estava ao seu alcance, muitas vezes abrindo mão das coisas para se dedicar a Família.

Ao meu irmão, Miguel Afonso, meu cumprisse, quem de ajuda e me apoia em todos os momentos e mesmo de longe se faz presente.

À minha orientadora, Profa. Dra. Charlene Maria Muniz da Silva, por sua contribuição nas reflexões e trabalhos juntamente executados, sua competência e tributo para com meu amadurecimento intelectual.

Aos meus professores, desde as escolas iniciais, aos que foram significantes, e responsáveis para que me inspirasse a seguir a mesma carreira, em especial ao querido Professor Moisés Pontes. A todos os professores do colegiado de Geografia do CESP, de cada um vou levar aprendizados não só relacionado aos conteúdos, mas como referência de vida.

A todos meus amigos, especialmente a Erick Marques, companheiro de turma que pretendo levar para vida após universidade.

Amaralina Oliveira, amiga da turma noturna e por felicidade do destino conheci durante o levantamento de dados para esse trabalho.

Elciane Valente, a representante da sala, menina engajada e que não mediu esforços para nos representar, nos últimos períodos nos tornamos do mesmo grupo e foi uma honra construir essa amizade.

Fabio Junior, amigo que só me reunia nas férias, de quem eu mais senti saudade.

Luan Costa, meu primo, mas que considero como um irmão, faz parte dessa história e não poderia deixar de citá-lo.

Jucicleia Rocha, já tinha um carinho por ela, mas criamos um vínculo maior durante o estágio, a experiência foi muito marcante e você fez arte dessa etapa importante.

À Tayane Miranda, conheci recentemente, mas que se tornou extremamente importante na vida.

À atual turma do sétimo período noturno de Geografia, que se fizeram presente em uma das práticas de campos a Caburi e muito contribuíram com a finalização desta monografia.

Aos colegas que residem na Casa do Estudante da Universidade e funcionários que nos acolhem carinhosamente, aqui fica meus mais sinceros agradecimentos a vocês.

LISTA DE SIGLAS

AMAFC - Associação dos Moradores e Agricultores Familiares do Caburi.

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais

IPAAM - Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas

MTUR – Ministério do Turismo

OMT - Organização Mundial do Turismo

REDTURS – Rede de Turismo Comunitário da América Latina

SEMA - Secretaria de Meio Ambiente de Parintins

TBC - Turismo de Base Comunitária

VEM - Viagem Encontrando Marajó

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01- Mapa de Localização da Agrovila do Caburi, Parintins-AM..... | 8 |
| Figura 02- Mapa mental da Igreja Matriz..... | 10 |
| Figura 03 - Igreja Matriz da Comunidade..... | 10 |
| Figura 04 - Mapa mental das ruas de Caburi..... | 11 |
| Figura 05 - Serviços existentes..... | 13 |
| Figura 06 - Porto Flutuante..... | 15 |
| Figura 07 - Mapa mental Mercado da Vila Caburi..... | 16 |
| Figura 8/9 - Voçoroca próximo a moradias na V. Caburi..... | 17 |
| . | |
| Figura 10 - Árvore de problemas, qualidade dos serviços públicos voltado aos moradores..... | 21 |
| Figura 11 - Árvore de objetivo, sobre os serviços públicos básicos..... | 22 |
| Figura 12 - Árvore de problemas, produção e destino inadequado de resíduos sólidos..... | 23 |
| Figura 13 -Lixos despejados nas ruas | 24 |
| Figura 14 - Árvore de objetivos, redução na produção de resíduos..... | 25 |

| | |
|--|----|
| Figura 15 - Árvore de problema, pouca presença dos órgãos e instituições ambientais..... | 26 |
| Figura 16 - Árvore de objetivos, órgãos ambientais atuantes..... | 28 |
| Figura 17 - Letreiro de identificação..... | 38 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1- Dimensão Econômica..... | 29 |
| . | |
| Gráfico 2- Principais problemas..... | 30 |
| Gráfico 3- Prefeitura e comunidade..... | 31 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO | 1 |
| INTRODUÇÃO | 2 |
| CAPÍTULO 1- LEITURA E ANÁLISE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PELAS LENTES DO TERRITÓRIO. | |
| 1.1 Reflexões geográficas sobre o território..... | 4 |
| 1.2 . Processo Histórico e construção do espaço social da Agrovila Caburi, Parintins-AM | 7 |
| CAPÍTULO 2 DINÂMICAS DO TERRITÓRIO, DA SOCIEDADE E DO AMBIENTE. | |
| 2.1 Dinâmicas Territoriais, Culturais e Ambientais da Agrovila do Caburi..... | 13 |
| 2.2 Mudanças no aspecto socioambiental da Agrovila..... | 18 |
| 2.3 A carência de políticas públicas em Caburi..... | 29 |
| CAPÍTULO 3 IMPLICAÇÕES DO TURISMO. | |
| 3.1 Surgimento do Turismo..... | 31 |
| 3.2 O desenvolvimento do turismo comunitário em Caburi..... | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS | 42 |

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal fazer reflexões sobre questões que envolvem a sustentabilidade socioambiental na Agrovila São Sebastião do Caburi-Parintins/AM. Nesta perspectiva discorreremos sobre a carência de políticas públicas nos territórios rurais, evidenciando os anseios dos moradores da comunidade, apresentando medidas que podem auxiliar na concepção e implementação de políticas de desenvolvimento territorial, com foco na sustentabilidade, sugerindo o turismo comunitário como uma alternativa. O método utilizado foi o dialético, trabalhamos com o uso de dados quantitativos, qualitativos e mapas mentais. Com a metodologia Árvore de Problemas e Árvores de objetivos, foi possível elaborar um demonstrativo indicativo que traz consigo a possível origem dos problemas e em contrapartida com a árvore de objetivos, o que poderia ser feito para resolvê-los. No primeiro momento fez-se uma reflexão teórica sobre diferentes enfoques do território e suas concepções de Estado-Nação, ao enfoque simbólico e material do território. Abordando discussões a respeito de questões territoriais, organizacionais e ambientais. O território compreendido como um produto de relações sociais, econômicas, políticas e culturais, historicamente determinados por suas singularidades. Estabelecem-se aqui uma discussão teórica acerca do surgimento do conceito de território, e a construção do espaço social da Agrovila do Caburi, contextualizando o turismo com enfoque ao turismo de base comunitária, reunindo as dinâmicas e mudanças socioambientais o objetivo desse trabalho foi a de estruturação de metas e soluções para a Vila.

Palavras-Chave: território; relações socioambientais; turismo comunitário.

INTRODUÇÃO

Visando compreender a organização e o uso do território na Agrovila do Caburi, surge o interesse em conhecer e o de se fazer um levantamento sobre os aspectos socioambientais da Vila. Analisar os aspectos geográficos é importante na medida em que são notadas implicações de mudanças ainda não trabalhadas no ramo acadêmico. O propósito da análise consiste em suscitar quais são os principais problemas vivenciados pelos moradores e visitantes. E ao fim apontar possíveis soluções.

A abordagem e análise do espaço geográfico enfoca para uma reflexão sobre o território, suas formas de usos, compreendidos como espaços de governança. O primeiro capítulo foi elaborado por meio de pesquisas documentais bibliográficas. Em seguimento trabalhamos em microescala, evidenciando as dinâmicas territoriais, culturais e ambientais que compõem a Agrovila São Sebastião do Caburi, bem como seu processo histórico.

A metodologia utilizada foi a da Árvore de Problemas constituída por esquemas diagnósticos que trazem em imagem a visualização dos principais problemas, apresentando suas causas, fatores e suas consequências. Para organização e tabulação dos dados, três campos foram realizados em diferentes momentos, com aplicação de questionários com questões de múltipla escolha e abertas, no primeiro momento foram aplicados 15 questionários testes, no decorrer da pesquisa fizemos alterações nos mesmo e para a análise e tabulação dos dados foram utilizados 30 questionas. Contamos também com entrevistas padronizadas, mapas mentais elaborados durante o segundo campo pelos alunos do curso de Geografia, que no período da execução do campo cursavam o 5º período noturno.

A organização do material foi feita por meio da separação de dados, os quais foram quantificados, a tabulação por meio de programas estatísticos, e a análise de discurso com a transcrição das entrevistas de moradores e representantes das comunidades. O objetivo não é somente a minimização das consequências, mas sim a apresentação de medidas que possam reverter o quadro agravante, através de esquemas secundários, chamados de Árvores de objetivos, corroboram com objetivo central, soluções e seus respectivos efeitos positivos a serem alcançados.

Dedicamos um tópico para discutir sobre a carência de políticas públicas nas áreas rurais, essencialmente na área de estudo ao qual tributamos a pesquisa, que em muitos quesitos sofre pela falta de serviços básicos dispostos por Lei. A falta de incentivo as atividades econômicas para geração de renda para a população é um empecilho para que a Vila se desenvolva. Necessita-se da adequação das práticas políticas no que se refere ao aspecto social e econômico.

Finalizamos trabalhando o contexto turístico, suas implicações e importância no que se refere a estudos regionais, em especial o turismo de base comunitária, na qual prioriza o protagonismo das comunidades no planejamento e realização de atividades turísticas, mostrando possibilidades que acarretariam em melhorias para os próprios comunitários, lugares com belezas naturais e eventos excepcionais que já atraem uma quantidade expressiva de visitantes, se houver a implementação de mais alguns serviços ainda não presentes, como regulamentação de transportes para quem necessita trafegar pela comunidade, melhoramento quanto ao sinal de telefonia móvel, acabando com dependência de telefonia fixa, um policiamento regular atuante, não limitado aos eventos.

Os resultados desta análise evidenciam a carência presente tanto por parte do poder público administrativo, como também pela comodidade da sociedade. Dentre as vantagens do estudo, sugerimos possíveis cursos, que se entrarem em vigor ofereceriam ganho social, ambiental e econômico. Vantajoso não só para quem reside na localidade, mas para quem procura usufruir de atividades de reação em áreas menos longínquas e de preços exorbitantes. Para a sede municipal seria interessante, de modo que quem vive na cidade pouco ou quase não tem acesso ao rio, dependendo do período no ano, a dinâmica hidrográfica do rio Amazonas, falo na questão de lazer, não como via de acesso fluvial, pois esse é um ponto forte das cidades amazônicas. Os pontos atrativos limitam-se e criar opções seria interessante.

1 LEITURA E ANÁLISE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PELAS LENTES DO TERRITÓRIO.

1.1 REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE TERRITÓRIO: o caso da Agrovila do Caburi.

Segundo Haesbaert, (2004, p.42), “a raiz etimológica da palavra território, é apresentada por alguns dicionários, como o domínio da terra, ou direito de posse”. A materialização, sustentada também por uma relação emocional, ao sentimento de *terror*, ameaçando qualquer pessoa que vem de fora para este território. Esta duplicidade material-emocional permite, desde longo tempo, certa ambiguidade na interpretação do termo.

Para a Geografia, suas raízes estão nas obras Antropogeografia (1882) e Geografia Política (1897) do geógrafo alemão Friederich Ratzel. Inspiradas no determinismo, romantismo alemão e no imperialismo do século XIX. A Geografia de Ratzel tem como característica, uma consciência nacional e estabelece a necessidade de um “espaço vital”, que seria o espaço necessário de desenvolvimento e progresso de uma nação, defendendo que as formas de sobrevivência são limitadas e por isso a busca por novos territórios seria necessária. O Território era entendido como expressão legal e moral do Estado, conjunção do solo e do povo. Sua territorialidade estaria associada a identidades. Posição que remete a uma concepção de poder unidimensional, o Estado como o único possuidor de poder.

A partir da década de 1970, que os debates sobre novas concepções de território e territorialidade surgiram na geografia, devido às transformações que ocorreram na sociedade em função das novas formas de organização socioespacial que delimitam, agenciam, controlam pessoas, informações, fluxos, fenômenos e ideias (Plein et al.2009, p.47).

Surgindo assim diferentes enfoques para os conceitos de território e territorialidade. Três características definem o espaço geográfico. O primeiro é o de extensão física constituída; a segunda é a dialética da disposição dos objetos com as ações ou práticas sociais; e a terceira, à disposição das coisas materiais com uma lógica coerente.

No início do século XX, os conceitos de território de territorialidade foram mais trabalhados sobre aspectos relacionados a natureza, o território passou a ser visto como uma apropriação biológica de uma área delimitada por uma fronteira e que se torna exclusiva para determinados membros ou espécies. A Territorialidade vinha a ser uma conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo. No entanto, hoje, apreende-se os territórios como campos de forças, redes de relações sociais projetadas no espaço, uma porção da superfície terrestre que é apropriada e ocupada, com todos os seus atributos.

O poder é que controla a gestão do espaço, sendo assim um poder multidimensional com muitas fontes. O princípio da multidimensionalidade nos ajuda a compreender melhor o da totalidade, já as dimensões que a compõem, é formado pelas condições construídas pelos sujeitos em suas práticas sociais na relação com a natureza. As múltiplas dimensões do território são produzidas pelas relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais.

O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar. (SANTOS, 2002, p. 9).

Compreender como as diferenciações da produção espacial e territorial são organizadas e reproduzidas e por quais relações e classes sociais, é nosso desafio. Diversas classes e relações sociais produzem diferentes espaços e territórios. Por essa razão entendemos ser importante o uso da tipologia de territórios.

Os conjuntos de territórios nacionais, compreendidos como espaços de governança, em diversas escalas são denominados transterritórios. Nos transterritórios, além dos espaços de governança, existem outros tipos de territórios, como as propriedades privadas, comunitárias ou capitalistas, essas podem produzir conflitualidades pela disputa muitas vezes por projetos de desenvolvimento e de sociedade. Gerando territorialidades de dominação.

O território quando compreendido apenas como espaço de governança, é utilizado como forma de ocultar os diversos territórios e garantir a manutenção da subalternidade entre relações e territórios dominantes e dominados. Já o território compreendido pelas diferencialidades pode ser utilizado para a compreensão das

diversidades e conflitualidades territoriais. Portanto, temos duas compreensões distintas: na primeira, o território como espaço de governança, multidimensional e pluriescalar. É o território da nação, do país, dos estados, províncias, microrregiões, departamentos, municípios e outras unidades geográficas de divisão escalar dos espaços de governança.

A segunda compreensão é sobre a tipologia de territórios. Partindo do território como espaço de governança, mas reconhecemos os outros tipos de territórios fixos e fluxos, material e imaterial, formados pelas diferentes relações sociais e classes sociais. Para explicitar as diferenças dessas duas compreensões de territórios, denominaremos a compreensão de território apenas como espaço de governança, como “território uno”, e a compreensão da tipologia como “território diverso”.

A territorialidade corresponde às ações humanas, à tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas e relações numa área delimitada. Esta área é o território e realiza-se em distintas escalas espaciais, varia no tempo através das relações de poder, das relações sociais realizadas entre sujeitos com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente. A territorialidade também pode ser compreendida como mediação simbólica, cognitiva e prática que a materialidade dos lugares exercia nas ações sociais (DEMATTEIS, 1999). É entendida como valorização das condições e recursos potenciais em processos de desenvolvimento.

Os territórios materiais são fixos e fluxos. Santos (1978/1996) trabalhou com essas referências, discutindo os elementos do espaço e o território. Os territórios fixos e fluxos são os espaços de governança, as propriedades privadas e os espaços relacionais, possibilitam distinguir os territórios do Estado, os públicos e os particulares, compreendidos pela indissociabilidade das condições físicas, relacionais e intencionais. A ideia de fixo e fluxo está relacionada a todas as ordens e tipos de territórios. O primeiro e o segundo território são fixos ou são fluxos, como: o território de uma nação, um palácio presidencial, carros, navios e aviões, entre outros. O terceiro território é fixo e fluxo, é formado pelas multiterritorialidades do segundo no primeiro território ou pode ir além da escala nacional, é o caso do transterritório.

O território imaterial está presente em todas as ordens de territórios, relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e interpretações. A produção material não se realiza por si, mas na relação direta com a produção imaterial. Essas produções são construídas nas formações socioespaciais e socioterritoriais. O território imaterial pertence ao mundo das ideias, das intencionalidades, que coordena e organiza o mundo das coisas e dos objetos, ou seja, o mundo material. Portanto os territórios materiais são produzidos pelos imateriais.

Todavia, o território imaterial não se limita apenas ao campo da ciência, pertence ao campo da política. E pode ser utilizado para viabilizar ou inviabilizar políticas públicas, por exemplo, as políticas de cotas nas universidades. Produzem um território imaterial, com intencionalidade de promover a inclusão de sujeitos por meio de processos qualificados. Essas políticas rompem com os processos seletivos genéricos que de fato escondem outras condições políticas de acesso à universidade. É assim que um território imaterial funciona, uma ideia, uma política que se materializa em condição real.

1.2 PROCESSO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL DA AGROVILA CABURI, PARINTINS (AM).

A vila Caburi localiza-se em área de terra firme, sua formação geomorfológica é resultado de acumulação de planície fluvial, têm com solo predominante o latossolo amarelo. Sua população está em torno de 2.112 habitantes. Possui infraestrutura comum de cidade, ruas asfaltadas, sistema público de abastecimento de água encanada, energia elétrica, posto de saúde, escola e posto policial.

Segundo Rodrigues (1993- 2012), em 1895 a 1911, o Amazonas dominava o mercado de produção da borracha. O que despertava um interesse cada vez maior sobre a região, muitas pessoas subiram o rio Amazonas em explorações buscando trabalho nos seringais, povoando grandes áreas do Estado.

Entre 1905 a 1925, Caburi não era habitado por muitas pessoas, mas segundo relatos de moradores mais antigos, quando Dona Caranã (uma

portuguesa casada com o brasileiro, nordestino chamado Diogo) abriu o caminho buscando terras férteis para agricultura, com o trabalho braçal junto a sua família, usando terçados conseguiram encontrar Caburi no fim do Igarapé (canal estreito), um local totalmente desabitado, cheio de beleza e riquezas naturais (Figura-05). Onde fixou residência na cabeceira do lago chamado Ribeira, nome dado em homenagem a Dr.ª Raimunda Ribeira Costa, casada com Vicente Ribeiro, uma das primeiras moradoras da localidade. Após essas famílias outras chegaram para desfrutar da abundância que tinha o lago, peixes de todas as espécies entre outros.

A comunidade está localizada no lago Caburi, na margem esquerda do Rio Amazonas, a 48 km de distância em linha reta da cidade de Parintins. (Figura-01)

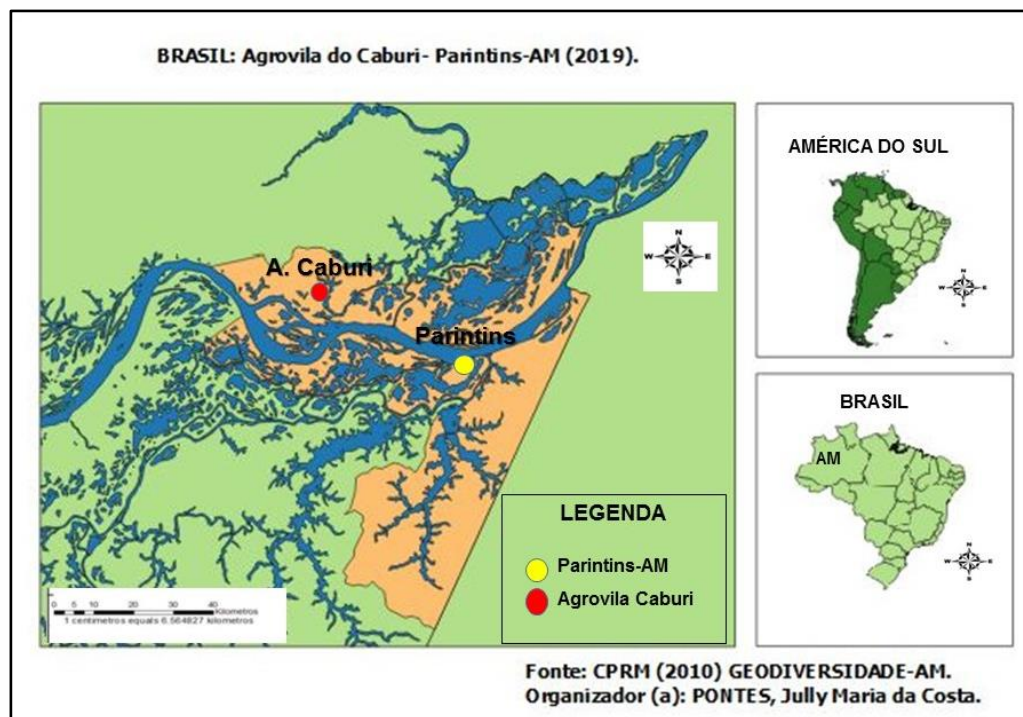


Figura- 01: Mapa de Localização da Agrovila do Caburi.

O autor Rodrigues (1993), aborda em seus escritos a origem da nomenclatura da vila, que surgiu em decorrência de um caso conhecido pelos moradores mais antigos como “o caso do lago do Cabo Ari”, em que Mendonça Furtado seguindo ordens decretadas pelas tropas portuguesas do governo do Grão-Pará, impuseram a expulsão dos jesuítas, essas tropas eram comandadas por um Cabo do Exército chamado Ari, junto a ele mais 20 soldados adentraram nas matas em busca das

aldeias, em uma das suas expedições aconteceu a emboscada pelos índios que habitam próximo ao lago, e então o comandante faleceu. Com passar dos anos e conforme o linguajar do povo foi transformando-se até a pronúncia que conhecemos hoje *Caburi*.

No ano 1926 houve um grave surto de malária, sucedendo grande mortalidade de gente. A febre na época não tinha cura, era prevenida apenas. Essa epidemia dizimou grande parte da população. Algumas famílias abandonaram suas casas, dezenas de sepulturas foram feitas à beira do lago, de aproximadamente 30 familiares restaram apenas 19 ao todo. Nos anos seguintes, novos habitantes surgiram, trabalhadores autônomos ou empregados, nesse período quem dominava 50% das atividades era um fazendeiro bastante rico, João da Mata.

Anos seguintes sobreveio novamente à epidemia. No ano 1938, uma senhora chamada Rosa Carapaní, fez uma promessa ao Santo São Sebastião, no qual, se acabasse a peste as mortes parassem na localidade, ela mandaria confeccionar uma imagem do santo e rezar a “ladainha anualmente”. E acreditam que Deus ouviu seus pedidos, pois a doença foi parando.

E a promessa foi cumprida no ano seguinte, sendo confeccionada a imagem na cidade de Faro, Estado do Pará. Com a chegada da imagem em 1940, o festejo com a reza da “Ladainha”, no dia 19 de janeiro começou a ser realizado anualmente até os dias de hoje. (Figura-02 e 03).



Figura-02: Mapa metal da Igreja Matriz.
Fonte: trabalho de campo, 2018.



Figura03- Igreja Matriz de Caburi.
Fonte: trabalho de campo, 2018.

Segundo Wagley (1988) e Harris (2006), grandes partes das Comunidades na Amazônia tiveram forte influência da Igreja Católica em sua formação, pois as populações que antes viviam dispersas pelas margens dos rios e lagos, foram incentivadas a se agruparem em uma mesma localidade, surgindo assim às comunidades, e por isso recebem nomes de santos, como é o caso da Agrovila de

São Sebastião do Caburi, Vila de Santa Maria de vila Amazônia e Agrovila de São João do Mocambo.

Até 1978, São Sebastião do Caburi era apenas uma comunidade rural. Em 1979, a Prefeitura lançou a proposta aos moradores de transformar aquela comunidade em agrovila, o que foi aceito pelos mesmos. E então começaram os trabalhos de demarcação e loteamento da área, que até então pertencia a uma só família, sendo que os herdeiros aceitaram vendê-los as outras pessoas que moravam nas imediações do lago do Caburi. A partir daí começaram as instalações dos equipamentos urbanos na vila, as ruas começaram a ser abertas em 1982, no início eram apenas 10 ruas. Atualmente o número de ruas vem aumentando, podemos observar na (figura-04).

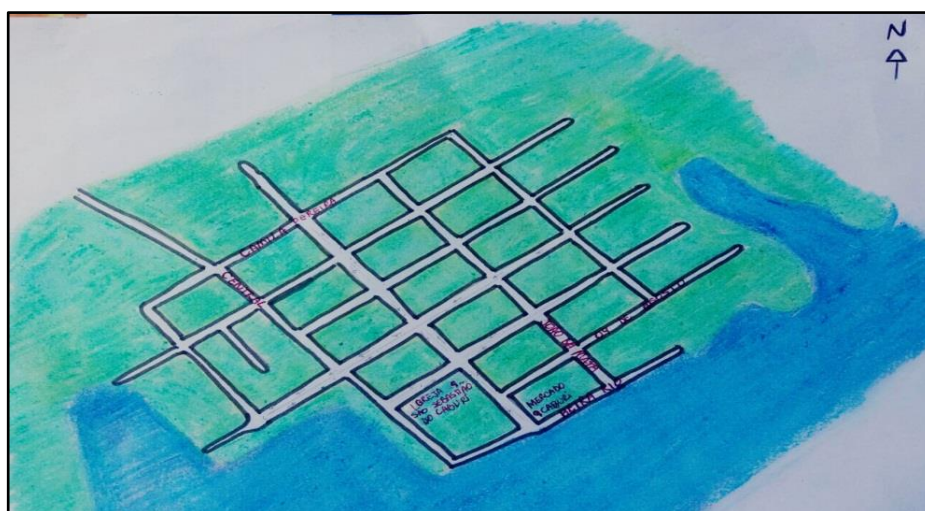


Figura-04: Mapa mental das ruas de Caburi,2018.
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Nos últimos anos pode-se observar o crescimento do número de adeptos ao protestantismo, que construíram seus templos evangélicos nas vilas para também realizam seus cultos e orações, dentre estes podemos citar as Igrejas: Assembleia de Deus, Universal, Batista, Adventista, Neo-Testamentária

A instalação da usina de energia deu-se em 1984, no mesmo ano foi inaugurado o sistema de distribuição da água encanada, com a perfuração de um poço destinado ao abastecimento de água a toda vila, esse sistema sofreu melhorias em 1987 com sua ampliação. Com base nos dados obtidos através dos

questionários, a população está satisfeita em relação ao fornecimento desses setores.

No dia 7 de novembro de 2001, o povo Caburiense comemorou o funcionamento de orelhões gerenciados pela empresa de comunicação TELEMAR, a instalação e auxílio do técnico durou dois dias, o próprio fez o primeiro teste e funcionou muito bem, a partir desse momento Caburi passou a ter um dos mais modernos meios de comunicação de sua época. Porém, o sistema de telecomunicação funcionou perfeitamente somente durante 93 dias, após isso houve falhas constantes, sendo inseto sua utilidade aos moradores. Até hoje o sistema está em péssimas condições, os orelhões em sua maioria foram sucateados. Muitas famílias optaram por assinatura de linha telefônica fixa ou Wi-fi, fora essas opções a comunicação é incerta.

Em 1981 foi inaugurada na vila a Escola de 1º Grau “São Sebastião” do Caburi. Atualmente duas escolas estão em atividade, a Escola Estadual Caburi, que atende o Ensino Médio e Tecnológico. Os Professores e alunos desenvolveram um projeto denominado “Guardião Ambiental” com a finalidade de despertar valores e cuidados ambientais em seus jovens. A segunda instituição é a Escola Municipal Walkiria Vianna Garcia Gonçalves, que possui 13 salas, e atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Desenvolveu dois projetos, um com ênfase na prevenção e poluições ambientais “Meio-Ambiente”, e um com o intuito de aprimorar as capacidades de companheirismo e contra qualquer tipo de violência “Violência Social”. Projetos muito bons e com temáticas importantes, que transformam atitudes, costumes e agregam benefícios aos futuros cidadãos.

A Vila dispõe mercearias, lanchonetes, bares e restaurantes, lojas de confecções de roupa, açougues, padarias, farmácia, lojas de serviços de fotocópias/computação e posto de gasolina, posto de polícia (Figura-05)



Figura-05: Serviços existentes na Agrovila C.
 Fonte: Trabalho de campo, 2018.

CAPÍTULO 2 DINÂMICAS DO TERRITÓRIO, DA SOCIEDADE E DO AMBIENTE.

2.1 DINÂMICAS TERRITÓRIAS, CULTURAIS E AMBIENTAIS DA AGROVILA DO CABURI.

Conforme as concepções de Raffestin, 1992 e Haesbaert, 2004, as dinâmicas transcorrem, destacando o caráter institucional nacional, fixo, simbólico, nas práticas e relações sociais que criam o território. Destacando o “poder” como o princípio geral. Características estas que ganham importância na atualidade, quando se pensa em um território fruto de mistura de identidades, não fazendo referência apenas aos aspectos culturais-simbólicos, mas também à organização social das ações do cotidiano, e a organização dos pensamentos e desejos que as diferentes identidades estabelecem no território.

A formação de um território implica sempre em uma organização de relações sociais, que podem estar vinculadas a aspectos materiais, fixos no território quanto

aos simbólicos, que na maioria das vezes permeiam os espaços fixos. Portanto, são os grupos que definem e constroem suas relações entre si e com o Estado. Assim, apesar do destaque da característica cultural na dinâmica territorial, a dimensão material no território não pode ser esquecida quando tratamos de questões de ordem econômica ou política, isso porque ambas são consideradas um produto pensado e cultural.

Um planejamento de reorganização espacial, ambiental e econômico seria interessante na Agrovila, seria possível resolver todas, se não, boa parte das questões destacadas no texto. “[...] A Vila caminha a cada dia, com pessoas que chegam, saem, moram, vendem casas, estudam, trabalham, se divertem, pescam, vendem, compram, lecionam e praticam as mais variadas atividades (RODRIGUES, 1993)”. Frase que define bem a dinâmica espacial desta e de outras vilas.

A economia da comunidade é basicamente sustentada pelo extrativismo e agricultura, poucos criam gado, mas segundo relatos o número de pecuaristas tem aumentado, a quantidade de comércios também. Mas sua grande maioria ainda trabalha com a lavoura, da mandioca, da melancia e do feijão, banana num cultivo não modernizada, praticada no sistema rudimentar. A falta de incentivo às atividades econômicas é o um dos fatores que dificultam a economia local de ter maior rendimento.

A principal atividade de lazer dos moradores é a prática esportiva do futebol, onde organizam seus times e disputam entre si, reunindo muitas pessoas em volta do campo, para assistir, torcer ou esperar sua vez de entrar no jogo, sendo assim o campo torna-se nos fins de semana a centralidade da vila. Suas outras formas de lazer são as festas, destaque as de santos, suas festas principais são a de São Sebastião, padroeiro da comunidade e o Festival de Verão, realizado na praia “Brilho do Banzeiro” localizada na frente da vila e comemorada em janeiro e setembro, atraindo muitas pessoas e ocasionando uma movimentação financeira maior com vendas de comidas e bebidas aos visitantes.

O Porto Fluvial estava inativo, o antigo foi retirado para ser reformado, após quase 2 anos sem estrutura substituta, algo que dificultava e colocava em risco muitas vezes as pessoas no momento do desembarque. No dia 27 de maio de 2018, A Prefeitura de Parintins junto com os demais Órgãos Gestores reinaugurou

o novo Porto (Figura-06). O que acarreta vantagens, tornando a Vila acessível tanto para os residentes quanto para visitantes.



Figura 06- Porto Flutuante
Fonte: google, 2018

Nas falas do representante da Comunidade, o senhor Edson, descreve bem o que acontece quais os principais problemas ambientes na Vila:

O maior problema em relação a questão ambiental é o lixo, hoje em dia por exemplo, nós temos o pessoal do mercado que não tem onde jogar, não temos a coleta na comunidade, a gente então dar nosso jeito. Mas tem muita gente jogando pela cidade, a gente anda lá pra traz e encontra a beira da estrada. Sempre conversamos com vereadores e com os prefeitos quando eles vêm na comunidade, mas nada é feito. Vocês devem ter visto ali que no mercado, que tem um negócio errado ali, porque o matadouro é ali também. Então todo aquele sangue e aquelas coisas escorem tudo pra dentro do lago, e aqui é água morta né, é lago, não é rio, tudo isso é um problema. O Hélio Albuquerque que é secretário de produção tem um projeto pra mudar isso aí, só que até hoje só está no papel, ele pediu um local, nós conseguimos uma, mas ele não veio mais. Os lixos dos barcos, eles estão levando daqui, antes eles gostavam de jogar aqui, mas a gente botou no toco com eles, então eles agora estão levando. Os comerciantes são os que mais produzem lixo, e eles levam pra estrada pra queimar ou deixar por ali mesmo. (Edson Batalha Rodrigues, 50 anos, 2018.)

Desta maneira, fica inevitável negar que providências públicas se fazem necessárias, pois por enquanto ainda pode-se evitar danos futuros (Figura-07), mas caso permaneça, os danos ambientais são irreparáveis e causam forte desequilíbrio ao ecossistema.



Figura 07- Mapa mental do Mercado da Vila Caburi.
Fonte: Trabalho de Campo,2018.

A figura acima retrata o Mercado da Vila, devido está localizado no centro da comunidade, e como relatou o senhor Edson Batalha, funciona como matadouro, não existe um local próprio para que se faça o abatimento de bovinos e suíno. Se dando de forma desorganizada, ocorrendo no próprio mercado e causando transtorno, porque acabam sendo despejados todos os dejetos animais ali mesmo, no rio, sem nenhuma preocupação com que pode acontecer, além de poluir o rio, causa odor e atrai animais com cheiro de sangue e de miúdos rejeitados, como por exemplo, piranhas, jacarés. Expondo as pessoas a risco de ataques.

Entre esses problemas encontramos uma área que está sofrendo com a voçoroca, fenômeno que se dá pelos impactos da água com o solo, devido ao fluxo de seus sedimentos, inicialmente forma as ravinas, em seu processo mais intenso e contínuo provoca um aprofundamento maior no solo, denominado de voçoroca. O processo responsável pela degradação do solo, após a retirada da camada

vegetal em sua superfície, é o impacto das gotículas da água da chuva [...], com isso os sedimentos são transportados (GUERRA,2001). É o caso desta localizada no Caburi, que possui em seu entorno moradias com risco de desmoronamento, observe na imagem (Figura-08 e 09).

Segundo o relato dos próprios moradores, alguns servidores públicos já visitaram as moradias em risco desmoronamento, analisaram a situação e lhes aconselharam que se mudassem o mais rápido possível, e prometeram que iriam realoca-los para outro lote, porém o local escolhido não os agradou, pois é afastado da área central e seria cedido apenas o terreno, sendo assim a construção das casas deveriam se custeadas pelos próprias pessoas que possuem residência nas áreas que estão sofrendo com o desgaste do solo pelas voçorocas.

A maioria decidiu permanecer, porque não é nada simples construir uma casa, ainda mais quando já houve investimento em uma anteriormente. Essa atitude é compreensível, mas não recomendável, sabemos que é complicado recomeçar do zero, no entanto, vidas valem mais que qualquer bem material, e como eles nos relatam, no período chuvoso, uma noite totalmente tranquila torna-se difícil. Algo inadmissível, esse é o exemplo mais claro de má gestão de política ambientais e sociais.





Figura: 08 e 09 – Voçoroca próximo a moradias na V. Caburi.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Quando o solo é despido de sua vegetação natural, fica exposto diretamente às forças erosivas, a água e o vento removem material com uma intensidade mil vezes maior do que a intensidade que se verifica quando o solo está coberto (FERNANDES; LIMA, 2007). O processo erosivo passa a atuar constantemente degradando o solo, e as paisagens vão sendo transformadas, o relevo recebe aos poucos uma outra forma.

Existem locais propícios ao surgimento das voçorocas, onde se têm alta declividade, quando a superfície é degradada, onde ocorre escoamento de água ou há concentração de enxurradas. Temos algumas medidas que ajudam a controlar e amenizar os impactos: revegetação, construção de estruturas para deter a velocidade das águas, a não criação de gado e o controle de sedimentação das grotas. Não podemos desprezar a importância da dimensão material/natural de um território, pois as diferenças naturais atuam entre si, como uma espécie de território. Entretanto, com as intensas transformações socioeconômicas, imprevisíveis, essa relação merece atenção. Porque o Ecossistema, os biomas e biodiversidade são concepções distintas, que evidenciam retorno a uma natureza ligada à dinâmica da sociedade.

O ambiente constitui a matéria-prima sobre a qual o homem trabalha, socialmente, para produzir o território que resulta em uma paisagem. Não é uma construção material, mas a representação ideal da construção. Isso significa que o território não resultará, obrigatoriamente, em paisagem, sem a intermediação da imaginação por um mediador. A formação territorial foi modificada com o passar do tempo. “Os territórios são criados através de uma simbiose entre o mundo agrícola e o mundo urbano”. Segundo Saquet (2009), como as paisagens sofrem influências e modificações, principalmente antrópicas, um dos principais problemas mais debatidos é a degradação do meio ambiente. O autor Cristovam Buarque propõe que esse problema ecológico decorre da cultura, e que o que define o modelo econômico é a maneira como os homens se relacionam com a natureza. Ele fala não apenas do ponto de vista educacional. E defende que precisamos mudar a mente grega que põe o homem como centro do universo e vê a natureza apenas como uma despensa e uma lixeira, servindo para extraímos dela seus recursos e jogar na mesma os nossos resíduos. Uma despensa que serve ao mesmo tempo para nos alimentar e receber o lixo. Modificar a mente das pessoas poderá ser positivo ou negativo. Negativo porque mudar o pensamento no sentido de respeitar a natureza, pode excluir os que usufruem dos recursos naturais. O grande passo está em criar uma consciência nova a partir de uma revolução na educação. Portanto, é preciso mais investimento na educação, o autor defende que 1% à mais no orçamento da União seriam suficientes para obtemos melhoras significativas. Entre outras sugestões são bastante discutidas, visando possíveis soluções a problemática. Compreendendo a dinâmica da construção dos espaços, e o processo de degradação ambiental resultante do contexto socioespacial a partir da organização da produção e das relações sociais que se estabelecem.

Hoje, os territórios transformam-se de acordo com o ritmo das novas técnicas e isso ocorre tanto na cidade como no campo. A agricultura tornou-se uma atividade como outras, sujeita a modificações velozes, cujo efeito na paisagem é considerável. As paisagens agrárias e urbanas sofrem logo influência do terceiro estado da natureza, aquele sintético ou cibernético que começou com a química moderna na metade do século XIX e é caracterizado, hoje pelo desenvolvimento da biotecnologia através da manipulação genética. (SAQUET, 2009.p.24)

O processo de degradação socioambiental não decorre de um simples desequilíbrio nas relações da população com o seu ambiente. Decorre de um complexo de problemas sociais, econômicos e políticos, a distribuição de renda possui o papel central. Por esse motivo, tal fenômeno não pode ser dissociado das relações de produção e de trabalho, das condições materiais de sobrevivência, que se manifestam intensamente na produção do espaço urbano.

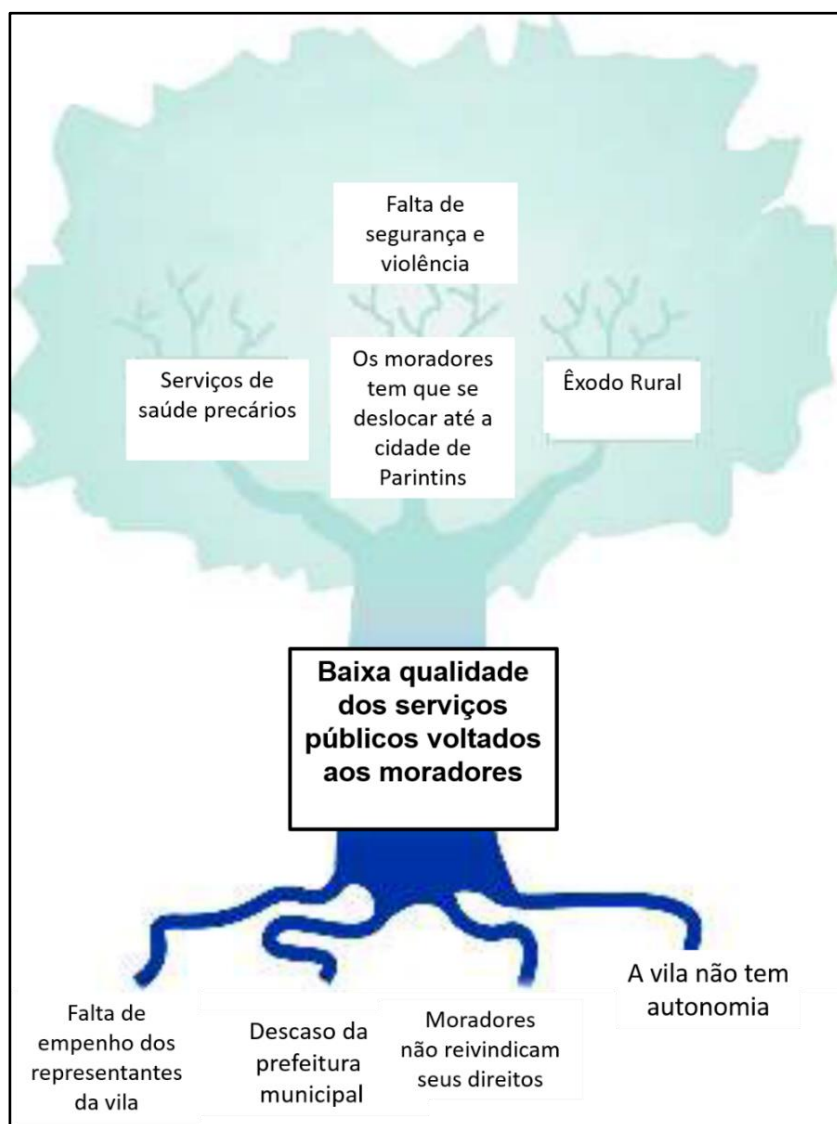
A partir da metodologia *Árvore de Problemas* construímos um esquema diagnóstico para facilitar a visualização dos principais problemas apontados pelos moradores. Dividida por etapas: fatores de causas e fatores de consequências da problemática apresentada. A metodologia foca nos problemas e em suas principais causas, diferente das que tem como objetivo somente a minimização das consequências.

A ferramenta *Árvore de Problemas* usa um dos conceitos básicos do método ZOPP, um instrumento do Planejamento Participativo Orientado por Objetivo, que foi desenvolvido e introduzido através da Agência Alemã de Cooperação Técnica (GTZ) nos anos 1980. [...]. As pessoas que nasceram e vivem no meio rural têm uma vivência muito ligada com a natureza e seus símbolos como, por exemplo, uma árvore. A partir disso, adaptou-se esta ferramenta. (KUMMER, 2007, p. 123).

O problema central encontra-se no centro da árvore, as causas estão inseridas nas raízes. Na copa da árvore, apresentam-se as consequências geradas pelo problema. Ao apresentamos visualmente o que sucedeu o problema central e evidenciar seus impactos, pode-se elaborar um plano de ação.

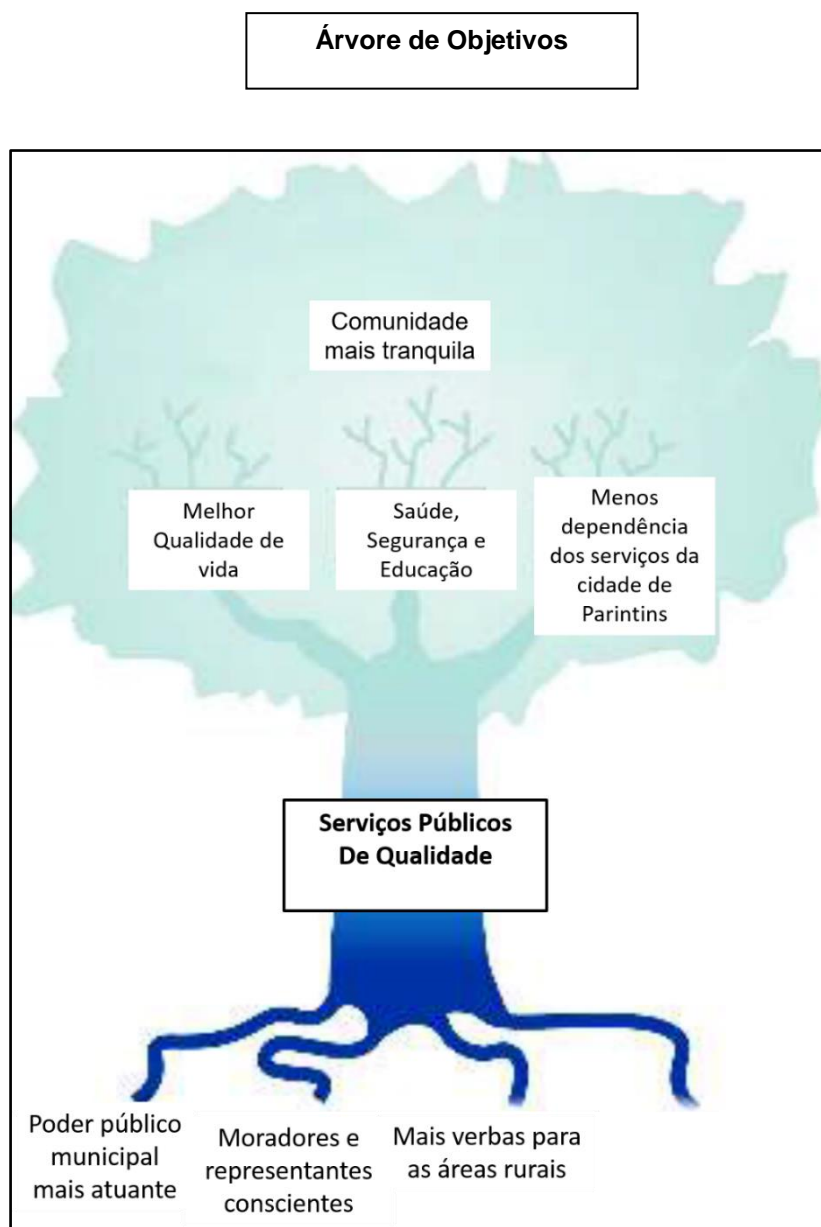
A primeira árvore traz consigo os principais problemas identificados pelos moradores por meio de questionários aplicados na Vila. A baixa qualidade dos serviços públicos básicos ofertados é o que mais foi citado, nas raízes observamos as causas, o que construiu para essa situação, na copa, temos as consequências, o aumento da violência, serviços precários, a necessidade de deslocamento até a Cidade e o êxodo rural como mostra (Figura-10).

Árvore de Problemas



A qualidade dos serviços precisa receber uma atenção maior, por parte não só do representante municipal, mas também do local, alguns moradores relataram que muitas vezes o atendimento ortodôntico não funciona no posto de saúde, quando funciona não consegue atender a demanda, o que os faz vim para a Cidade de Parintins mais vezes por mês. Dentre as causas, a comodidade da população é questionada, pois mesmo com tantas aflições permanecem sem cobrar seus direitos, e assim, o resultado de melhorias torna-se ainda mais delongado.

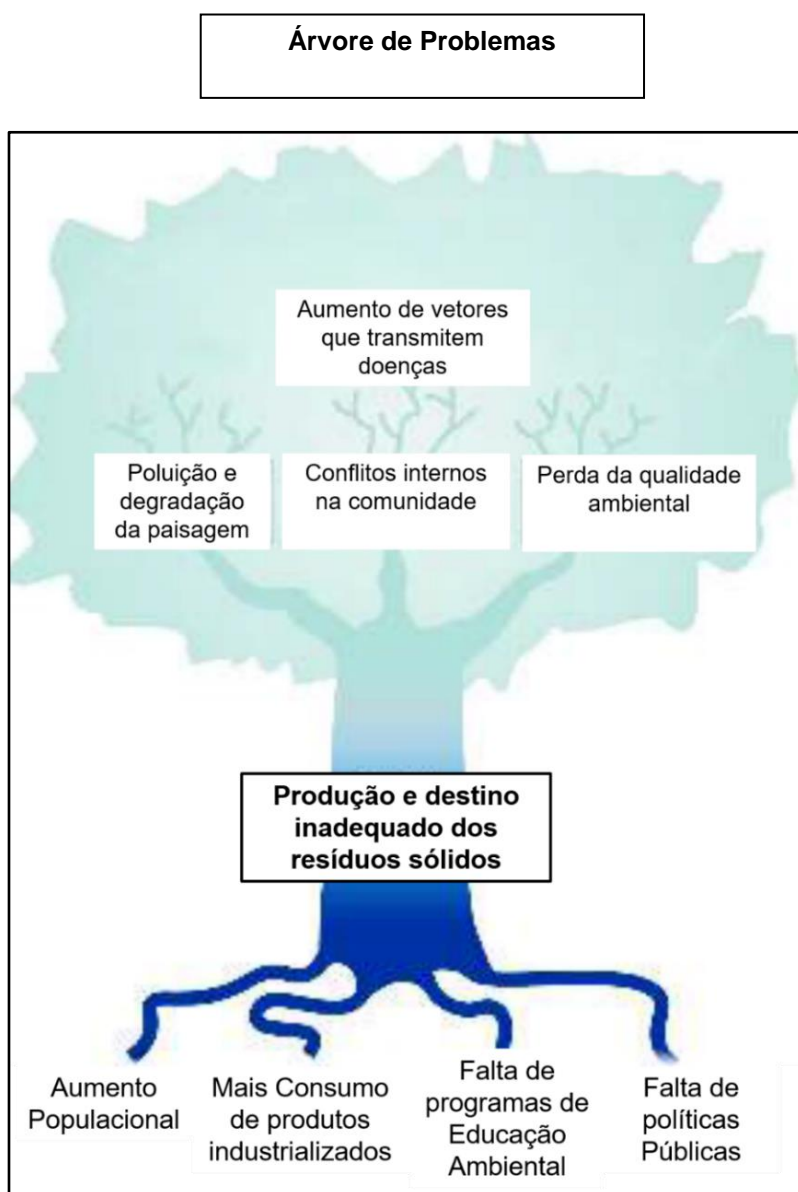
Ao apresentamos a árvore de problemas, em seguidas trazemos a árvore de objetivos, na qual tem como meta listar possíveis soluções a problemática trabalhada na primeira etapa (Figura- 11):



O objetivo encontra-se no centro da árvore (tronco), a qualidade dos serviços públicos básicos, sua efetiva funcionalidade. A possível solução (raízes), mostra o onde necessita haver mudança, desde o poder público aos moradores e representantes locais, pois somente a funcionalidades dos serviços públicos não solucionam tudo. Na parte superior (copa), estão os efeitos positivos, comunidade tranquila, evitando aborrecimento, tendo melhor qualidade de vida diretamente

ligadas a saúde, segurança e educação podendo de fato usufruir de seus direitos. Além disso, a necessidade de deslocamento por conta dos serviços que não funcionavam na Vila deixaria de ser intensa e a vinda para a Cidade se tornaria opcional não mais obrigatória.

O segundo grupo de árvores criados é sobre os impactos diretamente ligados a falta de local adequado para os resíduos sólidos, traz consigo formações de lixeiras viciadas e proliferação de insetos e animais vetores de doenças. Problema que acarreta uma série de outros. (Figura-12).



O problema está no (tronco), a produção e o destino dos resíduos sólidos, a Vila não possui um local adequado e sofre com danos provenientes da falta de

cuidado com o descarte dos resíduos, boa parte do lixo é queimado nos quintais, velhos hábitos presentes e que acarretam uma série de mudanças no ambiente. Entre as causas (raízes), segundo levantamento de dados está ligado diretamente ao crescimento da população, a oferta e demanda de produtos industrializados, é possível identificamos o número de comércios cada vez maior.

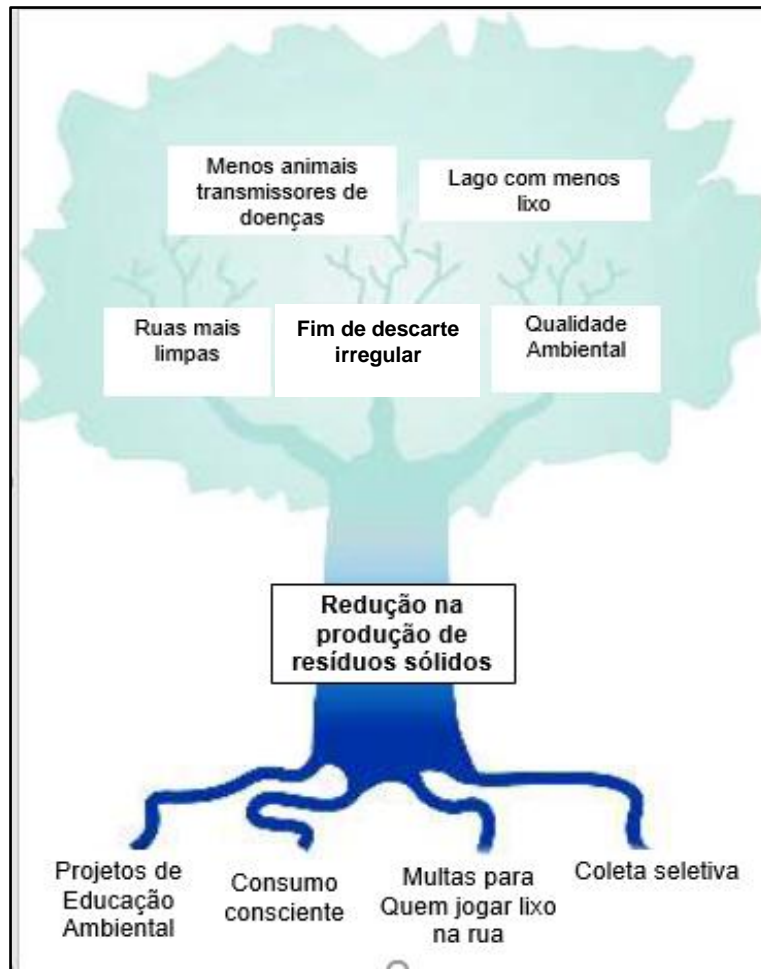
Existe uma lacuna apontada pelos próprios moradores, a presença de poucos projetos e programas ambientais na Comunidade, os presentes ficam exclusivos as escolas, um ponto positivo, no entanto, poderia ser voltado ao público em geral. Outro problema presente é a formação de lixeiras viciadas (Figura-13).



Figura 13 – Descarte irregular de lixo.
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

As imagens mostram a situação relatada anteriormente, a falta de local adequado para o lixo faz com que muitas pessoas despejem seus resíduos em propriedades abandonadas, no meio-fio. Em consequência (copa), o aumento e proliferação de vetores de doenças, poluição do solo, água e ar junto degradação da paisagem, tensos e perda da qualidade ambiental (Figura-14).

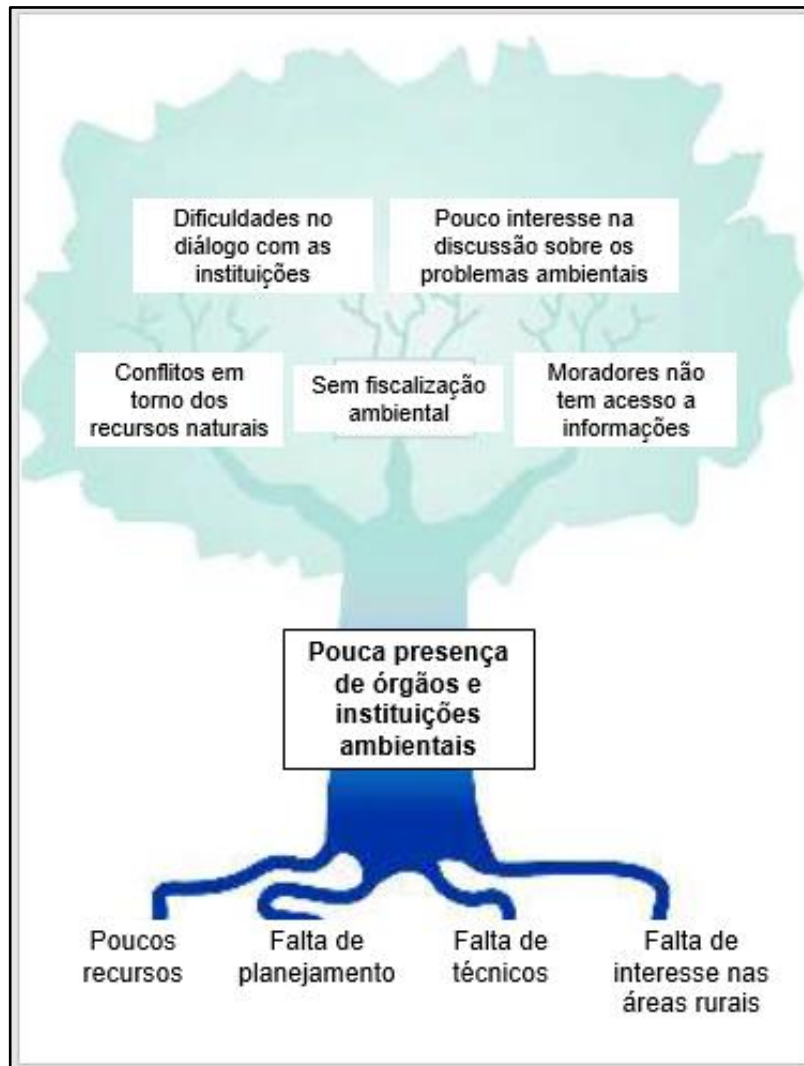
Árvore de Objetivo



A árvore de objetivo traz ideais de amenização aos problemas (tronco), o primeiro passo seria diminuir a quantidade de lixo que geramos todos os dias. Pequenas ações fazem mudanças. Para isso apontamos como solução (raízes), a efetivação de projetos e programas voltados a educação ambiental, para retrabalhar a conscientização. A (copa) apresenta os efeitos positivos tidos, a diminuição dos animais vetores de doenças, ruas limpas junto ao fim de lixeiras viciadas, o lago teria menor índice de poluentes melhorando a qualidade ambiental.

O terceiro esquema em imagem (Figura-15) trata do zoneamento ambiental na área, a presença dos órgãos e instituições ambientais, como: IPAAM (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas), SEMA (Secretaria de Meio Ambiente de Parintins), IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais).

Árvore de Problemas



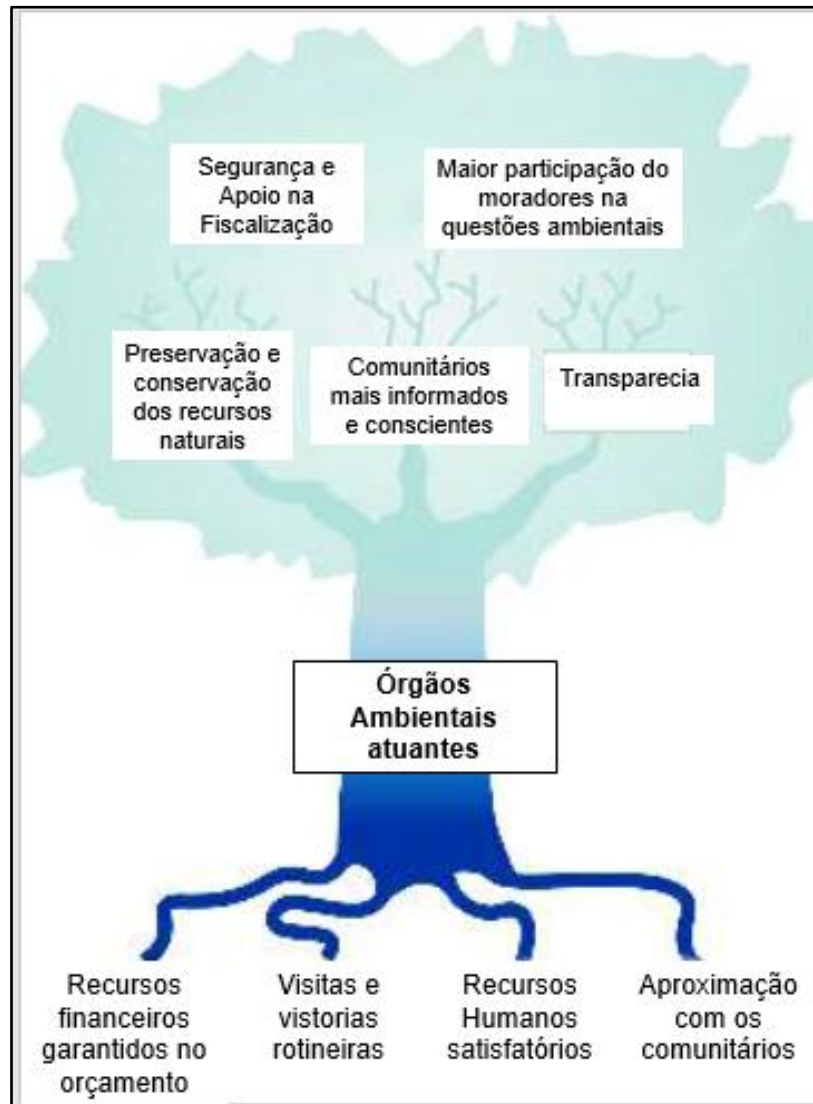
O problema central (Tronco), a falta de zoneamento ambiental, promovendo como consequências conflitos a respeito da utilização de recursos naturais, a falta de fiscalização propicia altas taxas de irregularidades, destaque para a extração de madeira não autorizada, caça de animais em risco de extinção e a exploração de recursos naturais em áreas protegidas. Ocasionalmente (raízes) pela diminuição de investimentos e recursos destinados aos órgãos, tornando ainda mais dificultoso o monitoramento por visitação, e o número reduzido de servidores especializados é um fator importante a ser ressaltado, o Município de Parintins dispõe de pessoas qualificadas, o que obsta a inserção, são poucos concursos públicos realizados. Tendo como consequências (copa), áreas sem fiscalização, conflitos entre os

moradores, dificuldade em acesso ao contato e diálogo com os órgãos ambientais. A maioria dos moradores pouco se interessa em participar das discussões sobre problemas ambientais desse modo ficam desinformados.

Durante a realização das entrevistas e aplicações de formulários, os moradores em conversação falam sobre a suma importância da atuação dos órgãos de fiscalização e controle ambiental no local. Segundo eles, os órgãos ambientais só comparecem quando há denúncia por parte dos comunitários e reclamam que as vezes se fazem necessário mais de uma denúncia.

De acordo com a Lei são considerados crimes ambientais qualquer dano ou prejuízo causado ao ecossistema: flora, fauna, recursos naturais e patrimônio cultural. Assegurado pela Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, no qual estão determinadas as sanções penais e administrativa provenientes de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente e aplicadas de acordo com a gravidade da infração.

Árvore de Objetivos



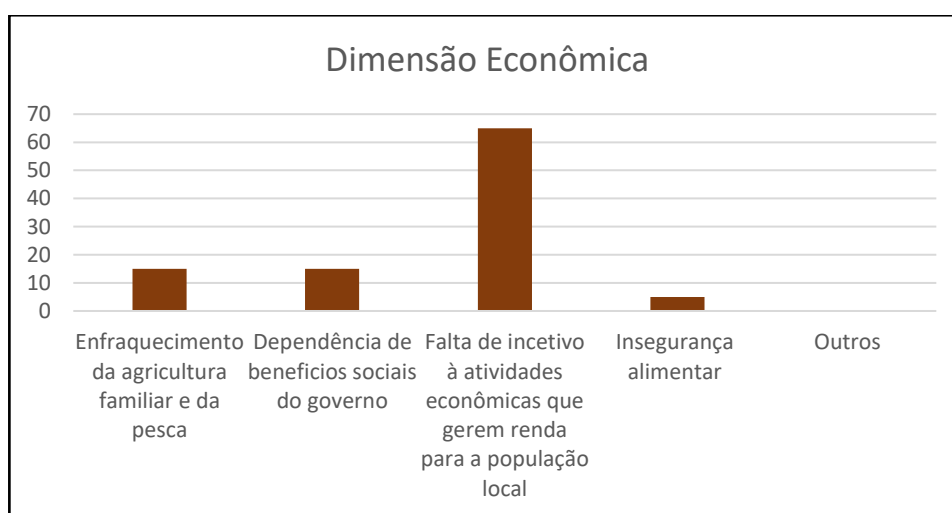
Em nossa árvore de objetivos sobre o zoneamento ambiental, o objetivo central (tronco), versa o aumento das fiscalizações nas áreas. Como solução (raízes), a garantia de financiamentos destinados aos órgãos, e assim seriam possíveis as visitas e vistorias. A conscientização das pessoas com o manejo e utilização dos recursos, evitando impactos ambientais e seguindo as regulamentações. Além disso, aproximação entre os comunitários contribuiria para que não houvesse tantos conflitos, e também poderiam voluntariamente auxiliar nas inspeções. Na parte superior do esquema (copa) apresentam-se os efeitos positivos, a

vtransparência das atividades, todos participando e informados a utilização e uso consciente dos recursos naturais ali ofertados.

2.3 A CARÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM CABURI.

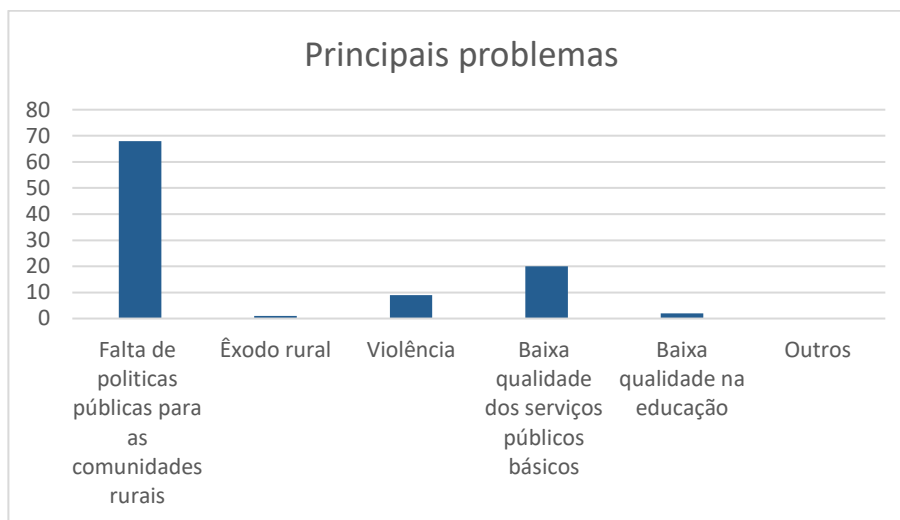
Com base nos dados obtidos, ao abordamos sobre questões referentes a dimensão social, os moradores da comunidade apontam a carência de incentivo político para as áreas rurais, envolvendo a estrutural física, educacional, esportiva, cultural e principalmente na saúde. Comunidades responsáveis por contribuírem com o município de Parintins no que abrange ao abastecimento de produtos agrícolas. A falta de recursos as comunidades dificultam a vida de seus moradores.

Em nosso estudo de caso na Agrovila São Sebastião do Caburi, além de observamos *in loco* algumas evidencias, como obras inacabadas, outras inativas, outras precisando de reformas. Apenas algumas em processo de reforma, como a sede esportiva da comunidade. Os dados quantitativos demonstram a insatisfação dos moradores (Grafico-01), mais de 60% acredita que o problema na dimensão econômica seja a falta de incentivo as atividades que gerem renda para a população local.

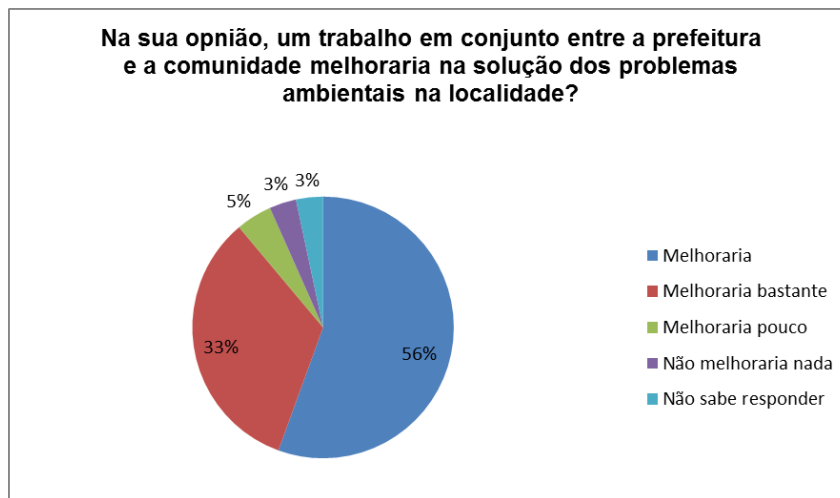


Há necessidade de práticas políticas tanto aspecto social, quanto econômico. A falta de incentivo das atividades econômicas para geração de renda para a população é um dos principais empecilhos para que a Vila venha a se desenvolver.

Tanto que quando questionados sobre o que acreditavam ser um dos principais problemas que a comunidade enfrenta, 69% apontaram que seria a ineficiência de políticas públicas de qualidade. (Grafico-02).



A análise acerca da sustentabilidade em termos socioambientais evidencia o embate que envolve sua complexidade, e mostra que dificilmente essa sustentabilidade conseguirá ser estabilizada como um modelo de vida, pois não depende apenas de políticas públicas, mas sim de um contexto geral. No entanto, não podemos negar que um trabalho em conjunto entre a prefeitura e a comunidade melhoraria na solução dos problemas ambientais, a maioria de nossos colaboradores também valida essa ideia (Grafico-03). A mudança inicial deveria ser a de pensamento cultural, da sociedade que vive constantes modificações, assim poderiam obter resultados positivos.



A gestão precisa elaborar um plano de ação eficiente em escala municipal que atenda e supra não só sua sede, todas as comunidades que fazem parte do seu território. Temos um desequilíbrio na relação rural e urbano, que corresponde ao favorecimento da área urbana quanto aos investimentos na área de saúde, educação, emprego e renda, segurança e lazer. Podemos citar opções validas e que trariam resultados positivos: investimentos em atividades primárias (Agricultura/Pesca/Pecuária); lideranças comunitárias mais organizadas; Fortalecimento social e econômico.

Capítulo 3 Implicações do Turismo.

3.1 Surgimento do Turismo.

Turismo referisse as atividades econômicas e sociais realizadas das mais diversas formas, obtendo proveito de lugares com peculiares, seja pelas suas belezas naturais, artificiais ou culturais de uma Vila, Cidade, Região, país ou Continente. A busca pelo entretenimento, lazer é uma das principais motivações de atração. Dentre as vantagens que traz, o emprego, renda, tanto para visitantes quando para moradores locais.

Ao trabalharmos a temáticas envolvendo turismo, é necessário abordar sua origem. A palavra surgiu no século XIX, no entanto existe desde os períodos mais remotos. Na história seu registro se deu após a Segunda Guerra Mundial, ganhando espaço com o aumento de novos investimentos, pautados no sentimento de bem-estar e ilusório.

De acordo com Werner (2009) o desejo da humanidade de explorar os lugares, o desconhecido, provavelmente surgiu com os babilônios entre 4.000 a. C., no entanto, antes já eram comuns os deslocamentos, principalmente por trajetos através dos rios, como por exemplo, rio Nilo, entre outros.

Segundo Cruz (2003) a aplicação do termo deu-se com as primeiras viagens organizadas no século XIX, conhecidas como “Grand Tour”, uma expressão da cultura europeia, que surgiu para denominar as viagens aristocráticas, as viagens anteriores a divisão de tempo de trabalho e tempo de lazer pelo capitalismo, pautadas no viajar por prazer e por amor à cultura.

Até recentemente, a participação no turismo estava restrita a uma elite que dispunha de tempo e de dinheiro para realizar suas viagens. Atualmente, a maioria das pessoas dos países em desenvolvimento, têm realizado viagens turísticas uma ou várias vezes ao ano. Assim, o turismo já não é uma prerrogativa de alguns cidadãos privilegiados; sua existência é aceita e constitui parte integrante do estilo de vida para um número crescente de pessoas em todo mundo. (RUSCHMANN, 1997, p.13).

Conforme Ruschmann, hoje observamos mudanças relacionadas ao atendimento do turismo, não existe mais uma restrição de classe como antes, em que só pessoas que obtinham uma renda elevada usufruíam das possibilidades de viagens e aventuras. A acessibilidade tornou-se um fato, devido a facilidades de pagamentos, promoções de viagens, hospedagens variadas.

Para que o turismo se desenvolva, é necessário um número significativo de envolvidos, agentes integradores, como organismos, responsáveis pela organização e estabelecimento das diretrizes para desenvolvimento. As secretarias municipais de turismo buscam trabalhar em âmbito do município, mas segundo os fundamentos estaduais, baseados no Plano Nacional de Turismo, o qual leva em consideração as características culturais, ambientais sociais e econômicas do país, sem desviar das diretrizes básicas da OMT.

O planejamento é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado harmônico com os recursos físicos, culturais e sociais do seu lugar receptor, dessa forma o turismo não destrói as bases locais. Solha (2004) aborda em seus escritos sobre organizações de turismo, e faz crítica a centralização de estudos voltados apenas a nível nacional, menosprezando assim análises das outras esferas.

A maior parte dos estudos nessa área trata de pequenas localidades ou, mesmo, de países 'lhas', onde a complexidade da economia e do próprio setor turístico possibilitam análises muito específicas ou, quando examinam países de maior dimensão, focam dois extremos: questões pontuais ou muito generalizadas. (Solha, 2004, p.37).

Estudos microrregionais necessitam de valorização e vem se tornando um tema bastante acessível nas Universidades atuais. Porém, vale ressaltar a crítica de que o autor faz, em enxergar ou se pensar em turismo apenas em grandes centros ou áreas exaltadas pela mídia. O Brasil possui uma vasta potencialidade turística e muitos locais que merecem ser destacados por suas belezas naturais, culturais e históricas.

Ao falarmos sobre desenvolvimento sustentável do turismo nos referimos “aquele que atende às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruio dos recursos pelas gerações futuras” (World Commission of Environment and Development, 1987). Isto inclui também todos os tipos de construções feitas, como os monumentos históricos, cidades, sítios arqueológicos, padrões comportamentais, gastronomia e toda sua dinâmica particular. Esses são os elementos determinantes do núcleo turístico, as atrações, os destinos junto as facilidades e acessos que oferecem, a intensidade de pessoas para usufruírem das atividades dependem das formas receptoras.

Ruschmann (1997), cita entre uma das principais problemáticas relacionada ao turismo, o que ela denomina falta de “cultura turística” nas pessoas, o comportamento em relação ao ambiente visitado, que alguns acreditam não terem nenhuma responsabilidade em preservar a natureza ou ambientes e suas originalidades. Tem uma falsa visão de que por estarem por um curto período tempo no local e por estarem pagando pelo uso não possuem culpa aos danos e agressões que sofrem o ambiente. Motivo esse entre outros que fez com fossem

elaboradas novas formas de se fazer turismo, surgindo as propostas de turismo “alternativo”, “responsável” ou “ecológico”. Denominações diferentes, mas que seguem o mesmo objetivo, o de manter o turismo nas localidades sem afetar sua essência e impactando o mínimo possível.

Historicamente, a preocupação com a proteção do meio ambiente teve início nos contextos urbanos, em que um planejamento equivocado do desenvolvimento colocou em risco e em muitos lugares até aniquilou a qualidade de vida de certos povos. (RUSCHMANN, 1997, p.18).

O real objetivo das novas versões de turismo é questionável, já que é aplicada por muitas empresas como mais uma opção econômica, servindo de atratividade para os que acreditam estarem contribuindo com atividades em conjunto com a preservação. O desafio é encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos que esteja de fato planejado seu desenvolvimento dirigido a preservação ambiental.

Sauer (1975) lista uma série de fatores que contribuem para o crescimento dos fluxos turísticos. Nos grandes conglomerados urbanos exista o desejo de busca no período férias, finais de semanas e feriados pelos locais com belezas naturais geralmente nas áreas mais afastadas da cidade. Entre esses: o acréscimo de tempo livre dos assalariados, devido a diminuição da jornada de trabalho; evolução técnica, aumento de produtividade e redução de custo na área de transporte; aumento de renda da população; empresas especializadas nos serviços de viagens de férias; flexibilidade nas formalidades, como abolição da obrigatoriedade de vistos e unificação de documentos; aumento da urbanização; a falta do verde, estimulam a procura por sítios ou parque de acampamentos entre outros espaços.

Além desses elementos citados, a deterioração dos ambientes urbanos causado pelas poluições, desmatamento e problemas sociais, como crescimento da violência, congestionamento, desgaste psicológico e físico motivam as pessoas ao que alguns autores chamam de “fuga das cidades”.

Apesar de ter potencial para gerar desenvolvimento, o turismo provoca impactos negativos, dificilmente são priorizadas as necessidades do lugar e de seus moradores, os lucros obtidos ficam para as empresas responsáveis pelos serviços, trazendo assim poucos benefícios, como empregabilidade aos residentes locais, aumento de renda, melhoria da infraestrutura, segurança. Os

mais comuns infelizmente são impactos negativos ligados aos sociais, desequilíbrio ambiental, aumento de custo de vida e até mesmo a probabilidade de exploração sexual. Portanto, avaliar o turismo e suas implicações requer cuidado minucioso.

3.2- O desenvolvimento do turismo comunitário em Caburi: uma alternativa

Segundo o MTUR, turismo comunitário se configura como uma modalidade do turismo, mas que isso, é um modelo de desenvolvimento. Tanto que estudos sobre o mesmo vem destacando-se nas academias.

Segundo Coriolano (2014), o turismo é uma política vinculada à política macroeconômica, impostas pelo modo e vida moderno na qual a prioridade torna-se o capital. O turismo comunitário surge representando estratégias de sobrevivências volvidas na criatividade humana, é vista como atividade reestruturadora das crises econômicas industriais.

Nos últimos anos comunidades regionais vêm adotando o turismo de base comunitária como alternativa econômica. Para trabalharmos essa temática, faz-se necessário compreender o conceito e origem da do que é comunidade. Essa palavra provém do latim *communitas*, significa comunidade/companheirismo, de *communis*, geral/coletivo. O conceito de comunidade é utilizado para designar grupos diferentes que possuem características semelhantes.

Conforme Beeton (2006), o termo é utilizado e definido de muitas maneiras. A comunidade como uma mistura de coisas vivas, compartilhadas no ambiente, sua reciprocidade e interação.

[...] o turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Este tipo de turismo representa, portanto, a interpretação "local" do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização (IRVING, 2009, p.111).

As influencias do mundo globalizado chegam aos lugares mais longínquos e trazem consigo mudanças, porém, tais novidades não destroem por completo o modo de vida de quem habita Vilas ou comunidades, mantem suas raízes culturais

vivas, mesmo mantendo contato com outras culturas. Sendo comum adaptações em festejos.

Segundo dados do REDTURS, Rede de Turismo Comunitário da América Latina, dos vinte países que a compõem, treze estão testando experiências com o turismo de base comunitária, estes são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Paraná, Peru.

O Brasil sendo o segundo a ter mais experiências. De trinta e sete experiências cadastradas na REDTURS, oito são da região Norte: Pousada Aldeia dos Lagos, localizada no município de Silves; Pousada Uracari, em Tefé; Turismo comunitário no Rio Unini, Barcelos; Turismo comunitário no Baixo Rio Negro, Manaus; Ecoturismo comunitário no Polo Tapajós, Santarém; Cooperativa de turismo comunitário, Curuçá; Projeto VEM (Viagem Encontrando Marajó), Soure; Turismo comunitário em Taquaruçu, Tocantins.

A proposta desse capítulo é se citar condições que contribuiriam para o desenvolvimento do turismo comunitário em Caburi. Sendo que a Vila além de oferecer atributos atrativos naturais, belas praias, tem também eventos culturais conhecidos regionalmente, eventos esportivos e festejo do Santo Padroeiro.

O Festival de Verão é um dos eventos tradicionais mais conhecido da Agrovila, realizado desde do ano de 1991, na Praia Brilho do Banzeiro nos dias 26, 27 e 28 de setembro. Esse ano a data foi modificada devido ao nível do rio, por conta do período de várzea e antes que os trechos se tornassem de difícil acesso o evento foi realizado nos dias 06, 07 e 08 de setembro.

Atividade que proporciona o desenvolvimento do turismo no local. A Associação dos Moradores e Agricultores Familiares do Caburi (AMAF) é responsável pela organização do Festival, com o apoio da Prefeitura Municipal de Parintins, com objetivo de atrair os a participação dos municípios vizinhos, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá e Uruará. Das atrações, e apresentações estão na programação: bandas musicais, baile dançante, torneios de futebol e voleibol, corrida de rabetá, apresentação musical regional e desfile da “garota verão” de encerramento.

Dentro desta perspectiva os autores Domingos Rosas (2014) e João Azevedo Filho (2014), criaram seis (06) medidas para atender melhor os visitantes durante

o Festival de Verão, são: a primeira seria a de implantação de telefonia móvel, a comunicação na Vila é incerta e gera uma série de dificuldades aos moradores assim como para os visitantes; a fixação de placas sinalizadoras indicando e identificando a localização dos lugares; transportes públicos regularizados, já que não se tem a presença de veículos destinados aos visitantes, ou o serviço de moto taxi seguindo os protocolos de regulamentação; o local de realização dos eventos poderia ser modificado, segundo relatos fica distante do local onde as embarcações ancoram e causam um certo desconforto; a criação de um símbolo para o festival, que possa ser fixado em local de livre acesso e por último a delimitação de um estacionamento, para que seja proibido condutores de veículos de transitarem na praia e pondo em risco os banhistas.

Contribuindo com as sugestões já citadas, trazendo mais quatro (04), totalizando assim 10. A sétima (07), ampliar parcerias com patrocinadores e sócios fortalecendo vínculos e o diálogo entre os comunitários; oitavo (08), a criação de grupos organizados responsáveis para gerenciar por setor, tornando um trabalho em conjunto mais eficiente e sem sobrecarga; nono (09), ornamentar as atividades; decimo (10), elaborar ou criação de um Rede de Turismo de Base Comunitária bem como as que existem em alguns locais de Manaus.

Nos últimos anos houveram algumas mudanças a respeito dos itens citados anteriormente, na edição 2019 o evento contou com letreiro (Figura-17), símbolos materiais que chamam atenção e trazem divertimento as pessoas, em especial aos visitantes, que podem registrar sua visita e levar como lembrança das experiências vivenciadas. É comum que lugares turísticos ostentem esse artifício, temos como exemplo Manaus (AM), Santarém (PR), Alter do Chão (PR) entre outras.



Figura 17 - Letreiro de identificação.
Fonte: Google, 2019.

Uma significativa melhoria recentemente de Caburi foi a reinauguração do porto fluvial. Outra sugestão que poderíamos fazer seria a de venda de camisetas e bonés personalizados, mas já é feita pela Associação dos Comunitários. Demonstrando que temos pessoas organizadas e com desejo de expandir atividades sugestivas ao Turismo de Base Comunitária (TBC), como ponto positivo seria a de ofertar experiências menos padronizadas, valorizando heranças culturais e a tradição local da Comunidade e a interação entre visitantes e visitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que é possível encontrar alternativas de desenvolvimento econômico e social em muitas Comunidades do Amazonas, no caso nas do município de Parintins. No entanto, que estejam visando sua realização de modo sustentável. E para isto é imprescindível que tenhamos superados os problemas viventes citados no decorrer do texto. Agrovila do Caburi possui toda uma dinâmica particular, a metodologia contribuiu imensamente com nossa análise e reflexão, em especial ao segundo capítulo, sobre as mudanças dos aspectos socioambientais, auxiliando com a elaboração de objetivos ao alcance de serem realizados.

Ressaltamos ao nos referimos sobre o principal problema, o de falta de local adequado aos resíduos sólidos, que a contribuição e da população precisa ser efetiva junto com a melhoria da atuação das políticas públicas, não pode haver apenas uma cobrança de uma das partes mais sim, um comum acordo, trabalho em conjunto. As pessoas precisam se policiar e mudar seus maus hábitos, o de descartar em vias públicas todo tipo de lixo, entre outras práticas que agridem o ambiente.

O turismo comunitário ou de base comunitária surge como um atributo que oferece alternativa de desenvolvimento econômico local, visando o aumento da renda familiar de seus moradores e aprimoramento de sua infraestrutura, além de valorizar os recursos do território. No contexto amazônico, muito tem se atribuindo a essa temática, tanto que em escala nacional a região Norte é segunda com mais projetos de turismo comunitário e acréscimo pode se tornar ainda maior, pois estudiosos de diferentes áreas da ciência vem ganhando espaço nas Universidades.

A partir disso criar mecanismos de intencionalidade para que possam obter benefícios por meio de seus potenciais locais, de cunho material ou imaterial, ou seja, suas propriedades físicas e culturais.

Em relação aos objetivos propostos na pesquisa, compreendemos que foram alcançados, os resultados trouxeram importantes contribuições no ramo científico da Geografia, conhecer o ambiente ao qual estamos inseridos é de suma importância para compreendemos de fato as controvérsias em relação dimensão social, econômica e ambiental. Acreditamos que após trazemos prováveis

caminhos aos quais as políticas públicas possam retrabalhar e voltar uma maior atenção trazendo proveitosos resultados as populações que residem nas áreas rurais, que reclamam ao perceberem certo grau de vantagem a quem vive nas áreas urbanas, o que se analisamos pode vim a ser uma falsa ilusão, porém, demanda estudos para que seja comprovado. O bem-estar das comunidades, este foi o intuito deste trabalho.

A implementação das ideias propostas melhora a otimização do espaço, sua organização espacial; traria mais acesso a infraestrutura, como serviços básicos que não funcionam, quando entram em funcionalidades ficam limitados; dinamismo, aumento da circulação de capital, ganho extra aos que investissem em novidades no mercado, como artesanato e entre outros; diálogo e relações sociais mais sólidas, fortalecendo as relações uns com outros, dando o verdadeiro sentido de comunidade; retorno e valorização das tradições locais; fortalecimento social e econômico; valorização das áreas rurais; lideranças comunitárias mais organizadas.

O papel das escolas fazem diferença, essencialmente quando trabalhamos sobre questões socioambientais, o segundo capítulo abordamos sobre três projetos existentes em Caburi, projetos esses que visam propagar educação ambiental nos mais jovens, entretanto, acaba se tornando fechado ao público da escola, a participação não somente dos responsáveis pelos estudantes, mas de todo os comunitários enriqueceriam ainda mais essas iniciativas e proporcionariam uma abrangência sobre os conteúdos que cada projeto focaliza. O papel do professor educador tem sido um tema bastante citado nas universidades, muitos dos profissionais em formação saem com o pensamento construído de que seu papel é capaz de fazer na sociedade, por conta disso, não poderia deixar de falar em poucas palavras que, cabe ao educador se reinventar, criar condições formidáveis no seu ambiente de trabalho, despertar o interesse de seus alunos o fazendo ser reflexivo e crítico, não ensaiando conteúdo de forma mecânica, essa pratica é ultrapassada e nada vantajosa.

Fazemos crítica a como rege a organização das políticas públicas, estas em essência continuas e devem seguir se estruturando para melhor atender as necessidades da população. E o acontece muitas vezes é a dependência de mandatos, sendo que quando um novo gestor passa a atuar, olhos projetos anteriores muitas vezes ficam inacabados ou são definitivamente paralisados.

Enfim, refletir sobre esses assuntos é enriquecedor, abordagens pouco trabalhadas mais significativas tanto para quem realiza quanto para quem recebe um retorno, a sociedade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rafael dos Anjos. Terras Caídas e Consequências Ambientais: um estudo na encosta fluvial no bairro Santa Clara em Parintins-AM,2014.

CORRÊA, R.L, E ROSENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. P.7-11.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a Tipologia De Territórios. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp, campus de Presidente Prudente.

FERNANDES, Dalvani. Território e Territorialidade: algumas contribuições de Raffestin.

FERREIRA, Hapolo Hibson de Souza. Ambiente e sustentabilidade em comunidades rurais no município de Parintins: um estudo das dimensões ambientais na comunidade de bom socorro do Zé Açú-AM, 2013.

LOHMANN, Guilherme. Teoria do turismo: conceitos modelos e sistemas. – São Paulo: Aleph,2008.

Marupiará: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Ed-6. Parintins (AM): UEA, 2014.

MOREIRA, Gilsélia Lemos. **TREVIZAN**, Salvador D. P. O Processo de (Re) Produção do Espaço Urbano e As Transformações Territórios ambientais: Um Estudo De Caso.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **VIANNA**, João Nildo. Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil - Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

NOVO, Cristiane Barrocas Maciel Costa. Turismo comunitário: um olhar sobre a Região Metropolitana de Manaus. - Manaus (AM): UEA, 2015.

OLIVEIRA, Amaralina Souza de. Et al. Agrovila do Caburi: levantamento das dimensões socioambientais da Agrovila do Caburi, Parintins (AM), 2018.

RODRIGUES, Adelson S. História do Caburi: luz do amanhã. UFAM, campus Manaus, 1993.

RODRIGUES, Adelson Souza Rodrigues: Luz do Amanhã: história da agrovila do Caburi. Vol. VII 2012.

RUSCHAMANN, Doris Van de Meene. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. - Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SALGUEIRO, Valério. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. Universidade Federal Fluminense, 2002.

SAQUET, Marcos Aurelio. **SPOSITO**, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos- 1. ed.- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SILVA, Carla Holanda da. Território: uma Combinação De Enfoques – Material, Simbólico E Espaço De Ação Social. -Curitiba: Revista Geografar, 2009.

SILVA, Charlene Maria Muniz da. Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia. Programa de Pós-Graduação Em Geografia UFAM, campus Manaus, 2009.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **CASTRO, I.E; GOMES,P. C. C.; CORRÊA, R .L.(Orgs.)**. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand,1995. p.77-116.